

FME CEM GERIN
BIBLIOTECA

Jornal *Correio da Bahia*
Data *04.03.94*
Caderno _____ Página _____
Seção _____
Assunto *Centro Histórico*
Restauração

Reforma do Centro Histórico deixa muitas lições



Muito além da recuperação dos sobrados, o trabalho feito na Bahia garantiu 'alma cultural'

Joaquim Falcão*

Com a restauração do Pelourinho, a Bahia atirou no que viu e acertou no que não viu. Atirou na reconstrução arquitetônica de um patrimônio histórico da Bahia e do Brasil. Acertou numa restauração muito maior. A reconstrução dos sobrados tombados foi a ponta do iceberg: da restauração econômica de Salvador e cultural da Bahia.

A partir dos milhões de dólares gratuitamente canalizados em reportagens, publicidade e marketing, a reação foi imediata. O fluxo turístico aumentou. A ocupação dos hotéis subiu. Os investimentos privados em lazer, comércio e turismo cresceram. Novos empregos foram criados. Reativou-se o mercado externo e o interno também: o baiano enquanto produtor e consumidor de cultura. Este, o aspecto principal a sublinhar. O Pelourinho estimulou a restauração da cultura baiana, que ultimamente perdera muito de seu viço e ousadia. Andava tímida no cenário nacional.

Não seria exagero dizer que, hoje, o Pelourinho simboliza a volta da auto-estima dos baianos. O orgulho de fazer e ter uma identidade cultural peculiar. Esta auto-estima é o indispensável motor da sensibilidade, inspiração e invenção na música, na comida, no vestir, no dançar, na maneira de ser baiano que, em sendo nordestino, é cada vez mais brasileiro. Baianidade.

Não seria exagero dizer também que esta auto-estima tem um forte núcleo de negritude. Ou melhor, de morenidade. Como quer Caetano Veloso, inclusi-

A reconstrução arquitetônica não é um fim em si mesma, ela permite que o talento, o uso e a criatividade se traduzam em emprego, renda e cultura

Gildo Lima/Agcom



Escola Criativa: um dos muitos projetos capitaneados pelo bloco afro Olodum

ve para seu filho. Como defendeu Jorge Amado — a morenidade enquanto modo de ser mestiço — na Comissão Affonso Arinos.

O regime militar temeu que a valorização e organização da cultura negra, ou morena no caso, constituísse uma ameaça à segurança nacional. Ledo engano. E o reitor da Universidade Federal da Bahia, Felipe Serpa, conheceu estes temores. O gal. Golbery provavelmente valorizou mais a hipótese importada do *black power*, um racismo

Alice Ramos



Bares chelos: vida cultural a todo vapor

tendente de segregação do que a evidência de um racismo tendente à miscigenização. Viu o que inexistiu.

Rodrigo Mello Franco dizia que defender o patrimônio histórico é exercer o direito de propriedade sobre o Brasil. Por algum tempo este exercício limitou-se à reconstrução arquitetônica dos prédios tombados, relegada à restauração cultural. No Pelourinho mais, não. A cultura baiana, de base, mas não exclusivamente morena, apropriou-se dos sobrados. Lá estão agora as sedes dos blocos de carnaval, os restaurantes afro-baianos e franco-baianos, os museus, o artesanato, o projeto Olodum, a axé-music, a timbalada e outros sons. Esta apropriação democratiza e assegura a continuidade da reconstrução urbanística e arquitetônica. Sem ela, teríamos apenas uma preservação fantasma. Uma assombração da velha Salvador.

A lição, pois, a retirar, é clara e dupla. Primeiro, a reconstrução arquitetônica não é um fim em si mesma. É apenas um meio necessário, mas insuficiente. Segundo, a preservação de nosso patrimônio histórico, de forma permanente e viva, exige antes da apropriação dos prédios restaurados por uma minoria, qualquer que seja ela, religiosa, social ou econômica, a sua apropriação pluralisticamente pela sociedade. De modo a permitir que o talento, o uso e a criatividade popular se traduzam em emprego, renda e cultura.

* Joaquim Falcão é professor de Direito Constitucional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e secretário geral da Fundação Roberto Marinho